

Seminário sobre a estrutura didática de  
**O Livro dos Espíritos**  
de Allan Kardec

Palestra do professor **Cosme Massi**  
proferida no Teatro da FEP a 21 de Março de 2004



“...Para edificar a doutrina espírita Allan Kardec usou uma metodologia própria. A obra tem muito dele.”

**COSME MASSI**  
nas respostas finais do Seminário (pag. 24)



Esta palestra foi feita pelo professor **COSME MASSI**, em Março de 2004.

Foi transcrita cuidadosamente pelo autor desta página que se dedica ao estudo e à divulgação da cultura espírita, aproveitando o mais e o melhor possível do conteúdo dessa palestra, que considera um momento privilegiado de comunicabilidade esclarecida e até muito rica do ponto de vista da simpatia do seu autor.

Estes textos aproximam-se da forma mais fiel possível do conteúdo da palestra, havendo algumas pequenas alterações de sequência para evitar repetições, adaptando o discurso do palestrante – que é de grande linearidade e clareza intelectual – à forma escrita. Há evidentemente um bom número de apartes e de subjetividades que foram contornadas para não tornar excessivamente longo o trabalho feito.



JCBrites/Lousã-Portugal

Setembro de 2015

<https://palavraluz.wordpress.com/>

<https://espcultura.wordpress.com/>

# Seminário sobre a estrutura didática de O Livro dos Espíritos de Allan Kardec

Palestra do professor **Cosme Massi**

proferida no Teatro da FEP a 21 de Março de 2004

COSME MASSI deu início à sua palestra salientando o facto de se estarem a comemorar nessa altura **200 anos** do nascimento de Hipólito Leão Denisard Rivail, aliás **Allan Kardec**, e que tratar uma das suas principais obras nessa data foi também uma homenagem ao autor e a toda a sua notabilíssima atividade em prol da doutrina espírita.

A palestra começou por uma vista de olhos ao índice da obra, cuja primeira edição foi começada por Kardec em 1855 e publicada em 1857; com uma 2ª edição muito mais completa em 1860;

Essa segunda edição inclui

- uma **INTRODUÇÃO**;
- os **PROLEGÓMENOS**

e quatro partes (quatro livros conforme as edições):

- A 1ª parte chamada das **CAUSAS PRIMÁRIAS**; tem 4 capítulos;
- A 2ª parte intitulada **“DO MUNDO ESPÍRITA”** ou **“mundo dos Espíritos”**; tem 11 capítulos;
- A 3ª parte **“DAS LEIS MORAIS”**; tem 12 capítulos;
- A 4ª parte **“DAS ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES”**; tem 2 capítulos.

A terminar a obra surge a:

- **CONCLUSÃO**.

## O LIVRO DOS ESPÍRITOS – todo o essencial da doutrina espírita

De uma forma didática e acessível a qualquer pessoa “O Livro dos Espíritos” contém todos os princípios essenciais da doutrina espírita. As restantes obras seriam de certa forma dispensáveis dado que, embora importantes, são desenvolvimentos complementares de matérias já configuradas neste Livro.

### INTRODUÇÃO

Na INTRODUÇÃO da obra, no segundo parágrafo, é afirmado por Allan Kardec que: **Como especialidade, o Livro dos Espíritos contém a doutrina espírita**; Nada falta portanto da doutrina espírita que não esteja contido nesta obra.

A INTRODUÇÃO não é uma introdução ao livro; é uma introdução ao estudo da doutrina espírita, como aliás exprime o título que o autor lhe atribuiu.

### PROLEGÓMENOS

A seguir à Introdução segue-se o prefácio, a que chama PROLEGÓMENOS, que tratam um pouco do que é o Livro.

A certa altura dos Prolegómenos pode ler-se o seguinte: “...só a **ordem** e a **distribuição metódica** das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar”.

Kardec diz-nos desta forma que “O Livro dos Espíritos” têm uma ORDEM e uma DISTRIBUIÇÃO METÓDICA das suas matérias. E que só estas bem como as notas e uma certa parte da redação é obra dele. (Ver a este respeito na página 24 “A intervenção de Allan Kardec na configuração da doutrina espírita”).

Allan Kardec não referiu qual foi a ordem nem qual foi a distribuição metódica pensadas por ele.

Uma proposta para tentar configurar essa ordem e essa distribuição metódica foi um enorme trabalho especulativo para quem a ela se dedicou. (O professor Cosme Massi, nesta sua palestra, confessou ter levado onze anos para concretizá-la).

Na Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” Allan Kardec informa que também essa obra foi construída de acordo com um certo método. Além portanto do conteúdo doutrinário destas obras também a sua forma, a ordem metódica que as caracteriza e a beleza respectiva constituem **um importante desafio** para quem procura interpretá-las.

### Porque foi “O Livro dos Espíritos” dividido em **quatro partes ou livros**?

Para formular a resposta vamos recorrer a um texto de uma outra obra de Allan Kardec: “A Génese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo”, capítulo I, Item 14:

*“...Como meio de elaboração o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. **Factos novos se apresentam**, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis...”*

Os **“factos novos”** referidos por Kardec eram **os fenómenos de comunicação dos Espíritos com os homens**. *“...ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege...”*.

*“...Depois deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis...”*

Com isto Allan Kardec esboçou em quatro pontos a estrutura do que no século XVIII e XIX se chamava “exposição científica clássica”, ou “método científico clássico”. Era desse modo que se explicava uma ciência:

– **Primeiro** estabelecia-se qual era o **domínio ou objeto de estudo da nova ciência** (neste caso, como já foi dito, a FENOMENOLOGIA ESPÍRITA).

– **Depois** analisavam-se com detalhe esse objeto de estudo, estudando todos os fenómenos observados;

– **Em terceiro lugar**, se esses fenómenos **têm regularidade** e obedecem a **leis gerais**, estabeleciam-se que tipo de leis explicam o funcionamento desses determinados fenómenos.

– **E por último** designam-se quais as consequências da aplicação dessas determinadas leis ao objeto de estudo, de modo a prever o que acontecerá sempre que surgirem novos fenómenos como os que foram estudados.

Esta estrutura para explicar UMA CIÊNCIA desenvolvida em QUATRO FASES é muito importante **do ponto de vista didático**, na medida em que cada parte do estudo é completada ou desenvolvida na parte seguinte.

Determinam-se as consequências das leis, a partir das leis; e as leis por seu turno são configuradas a partir da observação e descrição dos fenómenos; e estes foram organizados antes, na fase de estruturação e definição do objeto de estudos.

Ou seja, cada parte é preparatória da parte seguinte e ajuda a compreendê-la.

Aplicando este modelo ao Livro dos Espíritos temos a sua estrutura geral, assim ordenada:

O diagrama apresenta o título "Estrutura Geral de 'O Livro dos Espíritos'" em letras grandes e brilhantes. Abaixo dele, há uma lista de quatro itens, cada um precedido por um hífen e com o nome da parte em azul e o conteúdo em verde. O fundo do diagrama é um gradiente de azul escuro para azul claro.

- Escolha do Objeto de Estudo ( Parte Primeira : das Causas Primárias)
- Análise do Objeto de Estudo ( Parte Segunda; Do Mundo Espirita ou Mundo dos Espíritos)
- Formulação das Leis (Parte Terceira: Das Leis Morais)
- Dedução das Conseqüências (Parte Quarta: Das Esperanças e Consolações)

O formato de O LIVRO DOS ESPÍRITOS mais conhecido é a edição de Março de 1860, e tem 1018 perguntas divididas por quatro partes; a primeira edição é de 18 Abril de 1857 e tem apenas 501 perguntas, apresentadas em três partes. A maior parte das 517 perguntas a mais encontram-se na segunda parte, a mais ampla da obra.

Segundo Allan Kardec “O Livro dos Espíritos”, cuja elaboração levou quase 5 anos, apresenta a doutrina Espírita completa e as outras obras são complementares.

As outras obras escritas por Allan Kardec **para complementar o conteúdo** de “O Livro dos Espíritos”, esteio fundamental da doutrina espírita, foram quatro, publicados pela seguinte ordem:

- O LIVRO DOS MÉDIUNS; publicado em 1861 foi o desenvolvimento baseado na parte segunda do LE, do mundo espírita ou do Mundo dos Espíritos;
- O EVANGELHO SEGUNDO O ESPÍRITISMO; publicado em 1864 foi o desenvolvimento da parte terceira do LE, das Leis Morais;
- O CÉU E O INFERNO; publicado em 1865 foi o desenvolvimento da quarta parte do LE, das Esperanças e Consolações.
- A GÊNESE; publicado em 1868 foi o desenvolvimento baseado na parte primeira do LE, das Causas Primárias;

Durante todo esse tempo, além dum enorme trabalho feito da defesa e divulgação do espiritismo, Kardec publicou durante 11 anos, além de outras obras, a REVISTA ESPÍRITA, publicada mensalmente até ao seu falecimento, em 1869.

Foram portanto 14 anos dum trabalho hercúleo.

## Primeira parte / LIVRO PRIMEIRO – das Causas Primárias

Atualmente não existe o que se chamava no séc. XIX, um “método científico”. E também não se sabe como é que se constrói uma ciência. É uma questão muito complexa e o método científico de Kardec para apresentar ou para ensinar a ciência espírita só poderia ter sido posta em prática depois dela já existir.

Kardec tinha muito claro que a doutrina espírita se baseia fundamentalmente na ideia de DEUS.

O objeto do espiritismo é, pois, completamente diferente do de qualquer outra ciência, porque o espiritismo tem um pressuposto fundamental que é a existência de Deus.

Segundo os ensinamentos da obra que estamos a estudar Deus deu origem a **dois princípios fundamentais do Universo**: O ESPÍRITO, ou princípio inteligente e aquilo que a ciência chama MATÉRIA, a parte não inteligente.

A partir de Descartes há a ideia de que há um princípio inteligente, que Kardec designa como ESPÍRITO, e outro não inteligente, chamado MATÉRIA. Para Descartes esses dois princípios eram duas substâncias distintas, inseparáveis mas independentes uma da outra.

Kardec não é tão radical. Afirma apenas que, didaticamente, é interessante separar esses princípios. Se há pontos comuns entre Espírito e Matéria, se são constituídos da mesma substância ou se há vinculação entre Espírito e Matéria, desconhecemos. É impossível decidir uma questão dessas.

Há adeptos de uma posição **monista** em espiritismo, isto é, que concebe uma única substância gerando tudo o que existe.

E há os **dualistas** que acham que há duas substâncias distintas, diferente uma da outra. E poderá haver **pluralistas** que propõem diversidade de substâncias constituintes do universo.

Kardec prefere deixar de lado esta questão filosófica, dada a complexidade e a impossibilidade de dar uma resposta definitiva e satisfatória a esta questão. Prefere trabalhar do ponto de vista didático, e considerar que há duas substâncias independentes. Mas não toma a posição de julgar que sejam inteiramente independentes.

## A CRIAÇÃO

O espírito e a matéria, atuando reciprocamente dão origem a tudo o que existe: À CRIAÇÃO.

Tudo o que existe no Universo é fruto da interação ESPÍRITO → MATÉRIA. O ESPÍRITO atua sobre a MATÉRIA **dando-lhe forma, dando-lhe vida.**

Na CRIAÇÃO há que destacar os seres vivos; são o elemento mais importante de todas as criações possíveis dado que **são o elemento em que o princípio inteligente se manifesta de modo claro e explícito.**

A partir daí temos a **estrutura geral dos elementos fundamentais que se encontram** por detrás do conteúdo da primeira parte de “O Livro dos Espíritos”, isto é, das CAUSAS PRIMÁRIAS.

Existe um Deus que dá origem ao espírito e à matéria, que juntos constituem toda a criação, em que se destacam os SERES VIVOS.



A partir do estabelecimento dessa TRINDADE UNIVERSAL Kardec vai destacar como OBJETO DE ESTUDO DO ESPIRITISMO, um desses elementos: **O ESPÍRITO.**

Não se vai aplicar nem no estudo de **Deus** nem no estudo da **Matéria**. E apresenta um conjunto de razões para isso.

Os **Capítulos** em que se reparte a primeira parte, ou livro primeiro de “O Livro dos Espíritos” são os seguintes:

I – **Deus**

II – Elementos Gerais do Universo (onde Kardec apresenta o **Espírito** e a **Matéria**)

III – **Criação** (a ação resultante do Espírito e da Matéria)

IV – **Princípio Vital** (onde se trata dos Seres Vivos).

Sobre a **divindade**, veja-se a **pergunta nº 1** de O Livro dos Espíritos: O que é Deus? É a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

Kardec toma a posição correta de associar a DEUS e ideia da inteligência suprema, não apenas por ser o responsável pelo princípio inteligente mas também por ser A INTELIGÊNCIA SUPREMA.

Isso prepara-nos para, quando estudarmos as LEIS MORAIS, no terceiro capítulo do Livro, entendermos bem a Lei de Adoração; Sendo Deus a inteligência suprema a forma de estar e de agir mais inteligente que existe para o homem é procurar aprender com Ele.

Ter o melhor Professor é sempre a melhor opção.

Quanto à **causa primária** Kardec contorna igualmente a antiga discussão sobre qual teria sido a **causa de Deus**, no contexto filosófico ou científico em que cada efeito tem uma causa. “Quem causou Deus?”, uma pergunta do mesmo género daquela que procura saber o que esteve antes de tudo e que coisa estará para lá do infinito.

Kardec evita esta questão, porque não tem resposta, considerando Deus como “causa primária.” Deus não é efeito e não há uma causa anterior a ele. **Deus é a causa de si mesmo.**

A complexidade deste problema é excepcional e coloca-se da mesma maneira quanto à **existência da matéria**. Sendo todo o universo formado de matéria, poderá colocar-se a questão de quando foi formado o universo.

Então, que estaria Deus fazendo antes de criar o Universo e a respetiva matéria?

Santo Agostinho foi um filósofo que se incomodou imenso com esta questão, em fins do século IV, princípios do século V. Ao debruçar-se sobre o “Gênesis”, no momento em que Deus profere o “fiat lux”, o que ocorre ao filósofo é perguntar o que estaria ocorrendo antes desse ato criador. Que estaria Deus fazendo?

Não sabendo resolver o enigma, Santo Agostinho descortinou a seguinte saída:

“...A matéria é que cria o tempo. O tempo só existe em função da matéria, que está associada à **mudança**, à **transformação** e ao **movimento**, propriedades que lhe são inerentes. Antes de existir a matéria não existiria o tempo, pura e simplesmente!...”

Para Santo Agostinho, sem matéria, não existia “o antes”...

Saída de filósofo, é claro.

Em relação à matéria leia-se a pergunta **nº 21** de O Livro dos Espíritos:

– **A matéria** existiu desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por ele num certo momento?

– **Só Deus sabe**. Há, entretanto, uma coisa que a razão basta para mostra-vos: Deus, modelo de amor e de caridade, **jamais esteve inativo**. Qualquer que seja a distância a que possa situar-se o início da sua ação, **não é possível imaginá-lo ocioso um segundo que seja**.

Se a matéria tivesse existido de todo o sempre como Deus, não teria sido obra dele e Deus não teria sido a causa primária de tudo.

Como conclusão final das interrogações a respeito das origens ficará unicamente a ideia de que a nossa razão não é suficiente para esclarecê-las. Os filósofos acabam por abandonar o seu estudo por serem “questões indecidíveis”.

Aliás o filósofo que propôs essas questões como “indecidíveis” foi o alemão **Immanuel Kant** (1724 —1804).

## A NATUREZA DE DEUS

A **Natureza de Deus** foi uma outra questão que ocupou imenso os filósofos desde a Idade Média, que queria conhecê-la a todo o custo, construindo a esse respeito teorias diversas.

A **pergunta nº 10** de O Livro dos Espíritos coloca a seguinte questão: “O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?” E a resposta é: “Não. Falta-lhe para isso um sentido.”

Em “A Gênese”, no capítulo sobre Deus, Kardec afirma que esse sentido é “a faculdade que falta”.

Algo semelhante ao que se passa com os nossos cinco sentidos. Os cegos por exemplo não veem, não podendo por isso ter a compreensão das cores, só alcançáveis pelo sentido, ou faculdade da visão.

Se nos falta a faculdade ou o sentido para entender Deus, seremos, em relação a essa questão, como cegos de nascença procurando compreender tudo aquilo que se refere com a visão das cores e de todos os outros fenómenos visuais.

Kardec acrescenta ainda o esclarecimento de que essa faculdade só será adquirida quando se atingir o nível evolutivo dos **espíritos puros, ou perfeitos**, de conformidade com o que está detalhado no capítulo primeiro da segunda parte de “O Livro dos Espíritos”, a respeito das diferentes ordens de Espíritos e na pormenorização da escala evolutiva dos mesmos.

Para alcançar esse nível, temos ainda muito que esperar!...

Por agora, o esforço para alcançar uma noção concreta sobre a **natureza de Deus** é pura perda de tempo, facto que está confirmado na **pergunta nº 14**:

*“Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial. Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto donde não lograríeis sair. Isso não vos tornaria melhores, antes um pouco mais orgulhosos, pois que acreditaríeis saber, quando na*

*realidade nada saberíeis. Deixai, conseqüentemente, de lado todos esses sistemas; tendes bastantes coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretenderdes penetrar no que é impenetrável.”*

É aqui que se fundamenta a decisão de Allan Kardec em colocar de lado o estudo da natureza de Deus como objeto de estudo do espiritismo.

A MATÉRIA, por seu turno, situa-se na área de competência da **ciência**. Quando se colocam questões relativas à matéria o espiritismo segue o ponto de vista da ciência.

O único elemento de estudo das causas primárias que resta é **O ESPÍRITO**, e é a esse que se dedica o espiritismo.

## As palavras espírito e Espírito, com minúscula ou maiúscula

Notar que Allan Kardec, no que toca à palavra **espírito**, enquanto princípio inteligente do universo usa sempre a letra minúscula; todas as vezes que surge a palavra com o sentido de um indivíduo, o ser pensante com senso moral que sobrevive à morte do corpo, no sentido propriamente de **alma** usa a palavra Espírito com letra maiúscula.

A diferença está no facto de que os animais também possuem uma certa forma de inteligência, mas esse será grafado com letra minúscula.

O homem além de ser formado com espírito com minúscula, também possui o **Espírito** com maiúscula, que é uma transformação do primeiro, que está numa fase evolutiva muito superior, com senso moral que consegue pensar em Deus, etc.

Essa circunstância exclui a hipótese de sermos a reencarnação de seres que tenham sido animais, ou seja, os que se enquadram na teoria da metempsicose, que não têm nenhuma das características principais dos seres humanos, nem sequer cometem crimes se matarem alguém. São destituídos de senso moral e não passam pelo processo de expiação das faltas, como os humanos, isto é, não sofrem as conseqüências dos erros cometidos antes.

Esse uso específico feito por Allan Kardec da palavra “espírito” com letra minúscula verifica-se em “O Livro dos Espíritos” da **pergunta nº 1** até à **pergunta nº 75**.

A partir da **pergunta nº 76** Allan Kardec vai passar a usar a letra maiúscula, posto que usada no sentido atrás indicado referido às almas dos homens.

Definido o OBJETO DE ESTUDO do Espiritismo como o PRINCÍPIO INTELIGENTE DO UNIVERSO, fica compreendido o título que Allan Kardec atribuiu à segunda parte ou Segundo Livro de “O Livro dos Espíritos:

## Segunda parte / LIVRO SEGUNDO – do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos

Os Espíritos atuam em dois mundos; didaticamente aqui separados em mundo corporal ou material e mundo espiritual.

Dizendo “didaticamente” significa que não há uma fronteira física separando os dois. Estes dois mundos constituem o **universo**.

Todos estamos **sempre** mergulhados nessas duas circunstâncias do próprio **universo**, MUNDO CORPORAL e MUNDO ESPIRITUAL.

No MUNDO MATERIAL o entrave da matéria bloqueia em grande medida a nossa percepção dos Espíritos sem corpos materiais. Os únicos seres vivos no mundo em que vivemos que conseguem ver ou sentir esses Espíritos são as pessoas que possuem **capacidades mediúnicas** e que conseguem, por isso, aperceber-se de certos aspectos das duas realidades.

Por enquanto, encarnados no corpo físico, apenas conseguimos aperceber as condições do mundo material.



O MUNDO ESPIRITUAL é o mundo dos que perderam a vestimenta física que é o nosso corpo.

Cosme Massi passa, neste momento da sua palestra, a enumerar todas as situações possíveis em que se encontram os Espíritos relativamente aos dois mundos onde podem encontrar-se, incluindo as suas deslocações, entradas e saídas e até as interferências:

- 1 – Em trânsito do mundo espiritual para o mundo material; (como no nascimento, ao reencarnar...)
- 2 – Em trânsito do mundo material para o mundo espiritual; (como na morte, ao desencarnar...)
- 3 – Vivendo do mundo espiritual; (como Espírito)
- 4 – Vivendo no mundo material; (como Espírito encarnado)
- 5 – Estando no mundo material interferindo no mundo espiritual; (como no sonho...)
- 6 – Estando no mundo espiritual interferindo no mundo material; (como ditando uma mensagem a um médium, ou provocando um fenómeno físico...)

Qualquer fenómeno espírita que possa conceber-se, está contemplado numa destas circunstâncias. Estas 6 possibilidades são todas aquelas em que é possível encontrar os Espíritos, **e são essas que estuda:**

## OS ONZE CAPÍTULOS DA SEGUNDA PARTE DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”

### CAPÍTULO I – dos Espíritos

A pergunta 76, primeira desta Parte de “O Livro dos Espíritos” Allan Kardec começa por definir os Espíritos:

“...os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.”

E acrescenta a seguinte nota:

“...A palavra *Espírito* já não é empregada aqui para designar o elemento inteligente do Universo, mas sim **as individualidades dos seres extracorpóreos.**”

A palavra Espírito encontra-se destacada (a itálico) e é escrita com maiúscula. É o que é tratado no Capítulo I da enumeração acima.

É neste capítulo que Allan Kardec define o que é o Espírito. Vai apresentar pela primeira vez a composição do Espírito, formado de um elemento inteligente RESPONSÁVEL PELO PENSAMENTO E PELAS EMOÇÕES a que vai chamar Espírito ou Alma, e refere pela primeira vez a palavra PERISPÍRITO (corpo espiritual), referindo os três elementos que constituem o homem:

- O corpo físico – o perispírito (veículo de expressão do Espírito) e – o Espírito

Esclarece também que a palavra “alma” é usada pelo menos em **três significados**: (ver pergunta 134 e seguintes)

- 1 – O significado da **alma como Espírito**; (pelo que pode dizer-se que o Espírito é a alma mais o perispírito);
- 2 – O significado da **alma como Espírito encarnado**;
- 3 – O significado da **alma como Espírito sem o perispírito**. Este seria o significado mais filosófico do termo, porque designa a ESSÊNCIA ESPIRITUAL;

Para diferenciar o sentido que têm estes três usos da palavra **alma** teremos que reconhecer **o contexto** em que ela é utilizada.

## **CAPÍTULO II – da encarnação dos Espíritos**

No Capítulo II é abordado o primeiro estado em que é possível encontrar o Espírito à saída do mundo Espiritual, isto é, quando encarna ou nasce como ser no mundo corporal. O capítulo aborda todas as circunstâncias ligadas com o fenómeno da encarnação e do nascimento e toda a teoria de como um Espírito ocupa um corpo físico.

## **CAPÍTULO III – da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual**

No Capítulo III estuda o regresso do Espírito ao mundo espiritual; é o capítulo que trata da morte; o fenómeno da passagem, de como o Espírito se separa do corpo, etc.

Do conjunto das duas situações tratadas nos Capítulos II e III, deriva o tema do Capítulo IV, da pluralidade das existências, isto é, da REENCARNAÇÃO, uma das leis fundamentais da doutrina espírita.

## **CAPÍTULO IV e V – Da pluralidade das existências; uma das leis fundamentais da doutrina espírita; a reencarnação**

– O Capítulo IV – **da pluralidade das existências e**

– O Capítulo V – **considerações sobre a pluralidade das existências.**

Embora muitas outras filosofias já integrassem a ideia da reencarnação o espiritismo apresenta um conceito inteiramente novo de uma pluralidade de vidas mediante a qual um determinado Espírito vai tendo vidas sucessivas em diferentes encarnações, num processo permanente de evolução.

As dificuldades que as pessoas têm de aceitar a teoria das reencarnações, especialmente devido ao esquecimento das vidas anteriores, mereceram de Allan Kardec a inclusão de dois Capítulos, mediante os quais fundamentou esse princípio filosoficamente e com base em factos relativos à Ciência espírita.

## **No Capítulo VI – da vida espírita**

– É explicitado o funcionamento do mundo espiritual, de que forma ali residimos durante os intervalos entre vidas, quais as determinantes e regras dessa passagem, etc.

## **No Capítulo VII – da volta do Espírito à vida corporal**

Allan Kardec explicou como se passam as vivências do Espírito enquanto encarnado na vida da Terra e todas as limitações e inerências que o corpo material implica.

## **O Capítulo VIII – da emancipação da alma**

É interessantíssimo e esclarece de que múltiplas formas os espíritos sujeitos ao trânsito pela vida corporal vão revisitando o seu meio espiritual, interferindo nele. O **sono** e o **sonho** e muitos outros fenómenos tantas vezes considerados prodigiosos pelos que não se dedicam ao seu estudo.

## No Capítulo IX – da intervenção dos Espíritos no mundo corporal

Tem lugar o esclarecimento de todo o processo mediúnico, isto é, de todas as interferências dos Espíritos no mundo corporal; as influências positivas bem como as negativas, o caso das obsessões, por exemplo.

## No Capítulo X – das ocupações e missões dos Espíritos

São observadas as ocupações e missões dos Espíritos ao longo das vivências que lhes permitem as tais já mencionadas 6 diferentes possibilidades de existência e interação entre mundos; o fascinante tema dos **Anjos Guardiões** ou Espíritos protetores, das missões de resgate, das provas e expiações, numa síntese dos 6 estados possíveis por que passam os Espíritos.

Como pedagogo Allan Kardec foi orientando sempre as suas apresentações fazendo ao fim de cada tema importante um apanhado ou síntese que facilite ao leitor uma ideia final, conclusiva e unificadora do que foi dito antes.

Esta Segunda Parte de “O Livro dos Espíritos” é o mais completo estudo da natureza e do funcionamento do mundo dos Espíritos.

## O Capítulo XI – dos três Reinos

Para terminar o mundo dos Espíritos com letra maiúscula falta entretanto um capítulo que trata igualmente do espírito com minúscula, neste caso dos animais, ou seja, o Capítulo XI que trata dos três Reinos, ou seja, do percurso do princípio inteligente ao longo de toda a escala evolutiva, fora do reino hominal, entre mundo mineral, vegetal e animal.

Este capítulo encerra portanto um ciclo completo de informações explicativas relacionadas com o princípio inteligente, ou espírito.

A ordenação dos capítulos desta parte do livro segue, de resto, um ordenamento lógico e didático muito bem concebido dado que, pela sequência das situações que o Espírito vai atravessando, permite um encadeamento lógico de todas as contingências da vida espiritual, na sequência própria das vivências e interferências respetivas.

Enumeração e representação gráfica dos 11 Capítulos que constituem a Parte segunda (ou Livro Segundo) de “O Livro dos Espíritos”, localizando **as 6 situações possíveis** dos Espíritos entre os dois mundos em que se movimentam ou interagem:

### Parte Segunda: Do Mundo Espirita ou Mundo dos Espíritos

- Cap. I - Dos Espíritos
- Cap. II - Da encarnação dos Espíritos (1º)
- Cap. III - Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espirital (2º)
- Cap. IV - Da pluralidade das existências
- Cap. V - Considerações sobre a pluralidade das existências
- Cap. VI - Da vida espirita (3º)
- Cap. VII - Da volta do Espírito à vida corporal (4º)
- Cap. VIII - Da emancipação da alma (5º)
- Cap. IX - Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal (6º)
- Cap. X - Das ocupações e missões dos Espíritos
- Cap. XI - Dos três reinos

## Terceira Parte / LIVRO TERCEIRO – das Leis Morais

Depois de tratados todos os detalhes que envolvem o Espírito (e o espírito...), Allan Kardec concluiu que os fenômenos que lhes são respeitantes têm uma **regularidade** ordenada por **LEIS**.

Durante séculos, para diversos modelos de pensamento filosófico, o **espírito** foi uma entidade abstrata. Para o espiritismo não, o Espírito é um ser concreto que ocupa lugar no espaço e que interfere com a matéria.

### O Espírito como entidade real não abstrata

**O Espírito portanto não é um conceito abstrato** como na filosofia antiga, (como um número). O Espírito está em determinado momento em determinado lugar e atua fisicamente no mundo. Era até possível discernir leis físicas que explicassem o funcionamento do Espírito no mundo espiritual e no mundo material. Em suma o Espírito é uma realidade, não é um conceito abstrato.

Mas além de ter uma natureza física o Espírito também é um ser moral, tem sentimento e atua de acordo com a sua vontade e a sua personalidade.

Allan Kardec tomou perante a dualidade física ou moral, a opção de estudar o Espírito sob este último ponto de vista. Portanto não vai fazer uma **“física do Espírito”**; deixa isso para a posteridade.

Um estudo do Espírito no lado do mundo material ficaria sempre cativo das contingências e limitações da materialidade. A fazer-se esse estudo terá que ser no mundo espiritual, porque não se pode explicar o Espírito a partir das leis da matéria. Poderiam ser formuladas leis físicas sobre a ação do Espírito vivendo no mundo espiritual e corporal do mesmo modo que existem as leis que estudam a natureza e o funcionamento do corpo físico material.

Allan Kardec prefere tratar do lado pensante, emocional e ativo do Espírito que chamamos **o lado moral da alma**.

### As propriedades do Espírito dependem do seu nível evolutivo

De resto, **toda a estrutura física do Espírito depende do seu lado moral**. O nosso Espírito, regressando ao mundo espiritual, tem a sua ação condicionada pelas **propriedades do perispírito**. As potencialidades do Espírito só podem dispor dos privilégios da mobilidade, da capacidade de ação e da clarividência a que tiver direito o nível evolutivo que atingiu, consequência direta do seu comportamento moral.

É por esse motivo que os Espíritos cujas propriedades vibratórias estiverem presos às condições predominantes do mundo material, vão continuar presos aqui, com todas as limitações que isso implica.

Pelo contrário, quanto mais moralizado ou evoluído estiver, mais as suas propriedades se ampliam e mais altitude e amplitude lograrão as suas liberdades e condições de intervenção. A sua visão à distância, o acesso que tem a Espíritos de elevada craveira, a sua clarividência do passado e a faculdade de divisar o futuro, entre muitas outras coisas dependem do seu nível de elevação moral, ou seja, da capacidade de viver a moral no sentido completo.

### O trabalho científico no mundo espírita e o estudo das leis físicas e morais

O Livro das Leis Morais é dividido em 12 Capítulos seguindo o rigor didático habitual em Kardec, e resume-se na seguinte sequência:

- **O que é a Lei?** No Capítulo I – sobre A Lei divina ou natural – define o que é a Lei Moral;
- **Quais são as Leis?** Nos Capítulos II a XI – apresenta as 10 Leis Morais;
- **Como praticar as Leis?** No Capítulo XII – responde à pergunta: Como praticar essas mesmas Leis.

Pode ler-se na resposta à **pergunta 617-a** de “O Livro dos Espíritos” que:

*“...Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: as LEIS FÍSICAS, cujo estudo pertence ao domínio da **Ciência**.*

*As outras dizem respeito especialmente ao **homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes**. Contém as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: SÃO AS LEIS MORAIS.”*

Esquemmatizando aquilo que nos diz a mesma **pergunta nº 617** ficamos a saber que as Leis Morais tratam:

- 1º – Dos deveres do homem para com Deus;
- 2º – Dos deveres do homem para consigo próprio;
- 3º – Dos deveres do homem para com o seu próximo.

A primeira coisa que pode resultar surpreendente é a ordenação destes deveres entre si. Kardec apenas não indicou quais são as leis que podem relacionar-se com cada um destes grupos de deveres. Poderemos por conseguinte tentarmos nós próprios ordená-las, o que irá ser tratado mais adiante.

## I – LEI DA ADORAÇÃO – Cap. II

Quais são portanto os deveres morais para com Deus?

O primeiro dever não é difícil de arrumar, porque é a **Lei da adoração** é obviamente desse primeiro grupo. Mas o que é adorar a Deus? Como é que se adora a Deus?

A adoração nas religiões tradicionais está muito vinculada a cultos e credos; às idas à igreja, à leitura de certos textos, etc. É uma ideia de adoração que exige que se faça qualquer coisa para Ele ou cumprir algo para com a religião.

**O conceito apresentado por Allan Kardec é muito diferente:**

ADORAR A DEUS É PENSAR NELE. É entrar em comunicação com ele.

É um conceito completamente diferente. Pode fazer-se em qualquer lugar; qualquer que seja o culto ou a filosofia ou a religião que se adote.

Fazer tal coisa não é um ato exterior, em que se vai para qualquer lugar ou se cumpre algum ritual, que se acende uma vela ou se lê um livro, ou se diz certa palavra.

ADORAR A DEUS É PENSAR NELE. É entrar em comunicação com ele.

**É uma concepção revolucionária.** Não depende de templo, de culto e de religião nenhuma.

Qualquer posição, qualquer pessoa pode adorar a Deus.

É uma revolução notável na história das religiões. As religiões ao longo da sua história precisam dos adeptos. Nós não precisamos de estar aqui para adorar a Deus; Pode fazer-se aqui como em qualquer lugar.

Estamos aqui para estudar uma doutrina que nos ensina que ADORAR A DEUS É PENSAR NELE.

**Esta revolução** faz com que a concepção espírita seja diferente. Então eu tenho que me policiar; não me posso convencer de que tenho de ir ao centro espírita porque só ali adoro a Deus; é absolutamente equivocado. Se tivesse um acidente ou se estivesse paralisado, estava perdido: “Agora já não posso ir adorar a Deus!...”

Mas, conforme vimos, adorar a Deus não é estar num certo lugar, é PENSAR NELE.

Quando Kardec estabelece que o primeiro dever do homem para com Deus é pensar nele, é entrar em comunicação com ele, está dizendo o seguinte:

– Que é Deus? A inteligência suprema. (Ver **pergunta nº 1**; Causas Primárias)

Quando alguém está com um problema procura quem saiba resolvê-lo. Como Kardec define Deus como a inteligência suprema, se tivermos um problema qualquer, quem vamos consultar? Aquele que mais sabe!...

Então a decisão de adorar a Deus é a decisão inteligente. A verdadeira decisão inteligente é adorar a Deus; entrar em comunicação com aquele que mais sabe e que pode dar a orientação e que sempre a concede por intermédio dos Espíritos, que são os seus mensageiros e auxiliares.

Ninguém perde por pensar no criador, só ganha. Sempre vêm ideias, sempre vêm sugestões e nos momentos mais diversos, para as coisas mais simples.

Pensar em Deus e entrar em comunicação com ele é uma coisa constante. Da parte dele vêm as sugestões positivas.

Se houver erro de sintonia e a decisão for de cometer um erro, será caso para pensar numa influência recebida dos espíritos atrasados...

O processo de interferência de Deus conosco é constante. Basta ter ouvidos de ouvir e estar atento às sugestões positivas. Quantas vezes uma pessoa está para explodir e vem aquela sugestão: "Acalme-se, pense duas vezes, não tome essa decisão agora". Se não houver atenção a este tipo de sugestões, e não houver resposta da nossa parte as consequências podem ser danosas!...

Kardec estava seguro de que a **adoração é um fenômeno fundamental**. Em tudo o que fazamos é fundamental pensar em Deus!...

Antes de começar o dia, antes de tomar uma decisão importante, pensemos nele pedindo a orientação; porque pensar nele é mantermo-nos em sintonia com ele durante o dia, e abrir o coração para essa sintonia.

Os amigos espirituais ajudam-nos, dão-nos ideias; e vamos aprendendo a **valorizar a oração**.

**Orar** não é somente uma forma mecânica, uma recomendação religiosa. É uma recomendação de Bom senso!...

Orem mais, pensem mais nele. Vibrem com ele mais vezes por dia e vão ver a implicação disso na vossa conduta diária.

Quando se pensa em Deus a primeira coisa que se sente é a vontade de fazer alguma coisa. Quem começa a orar e sentir preguiça, moleza, desânimo; é porque está mal, não está a sintonizar adequadamente.

Todas as vezes que se sintoniza com a divindade sentimos uma vontade de prosseguir, uma vontade de ser útil;

## II – LEI DO TRABALHO – Cap. III

Por isso nasce naturalmente **o trabalho**, a segunda forma de sintonia com Deus. O cumprimento da Lei do Trabalho é uma forma de adorar a Deus.

Esta é uma contribuição muito importante que a codificação espírita vem trazer ao homem.

Porque na visão antiga tradicional o processo de cumprir os deveres para com Deus restringia-se a um processo mental, ou de uma adoração em culto. O trabalho não era um elemento fundamental.

Tanto assim é que muitas concepções religiosas vão proclamar que a salvação é só crença. Para salvar, basta crer!... Vamos encontrar isso em várias correntes do pensamento religioso. Para salvar basta acreditar. **Na visão espírita, não!**

**Para cumprir os deveres para com Deus não basta estar no nível do querer. Tem que subir ao nível da ação. É fundamental o trabalho!...**

Trabalhar, na definição que Kardec vai dar nesse capítulo do Livro dos Espíritos, é que **o trabalho é toda a ocupação útil**.

Não é possível o crescimento sem trabalho. O homem não é só um ser que pensa. O homem é um ser que sente e que tem vontade, portanto, que age. Não pode haver portanto evolução do homem sem passar pela ação, pelo uso da vontade no trabalho útil.

Cumprir os deveres para com Deus será: pensar e vibrar com ele, sintá-lo e aja!...

**Cumpra o seu dever no mundo, realize o seu trabalho, seja útil, faça a sua parte.**

Não fique isolado na sua casa pensando nele, não use o tempo religioso pensando nele, Faça!... Seja útil; realize algo em proveito da sua sociedade de Você mesmo, de sua família, do mundo em que vive.

Não há cumprimento do dever para com Deus que não passe pelo trabalho.

**ESTAS DUAS LEIS REPRESENTAM AQUILO QUE HÁ DE MAIS COMPLETO: a Lei da Adoração e a Lei do Trabalho.**

A autêntica compreensão das duas equivale a entrar em sintonia com quem sabe e seguir a sua orientação; no trabalho, na realização constante. Lembremos o que foi lido na pergunta número 21: "...podeis imaginar Deus ocioso um segundo que seja?..."

Não é possível, portanto, conceber a entidade divina ociosa. E se não se pode conceber Deus ocioso, o homem também não pode permanecer alheio ao trabalho. Não pode haver adoração sem trabalho; toda a oração é movimento, é atividade e realização.

Se pensarmos no criador e nos entregarmos ao trabalho, cumprimos os nossos deveres para com ele. Como se vê não é nada complicado.

**Não tem nada a ver com culto, oração, oferendas; tudo isso que as religiões tradicionais apresentam, de nada vale se não houver adoração e trabalho.**

O que é importante é que esse processo de modificação do outro e de mim mesmo se dê. Pode dar-se, dependendo da orientação e realizando essa mudança por intermédio do trabalho. Aí se esgotam os deveres do homem para com Deus. É simples, mas de uma garantia absoluta de felicidade. Nada mais é preciso.

---

SEGUEM-SE OS **DEVERES DO HOMEM PARA CONSIGO MESMO** E NÃO PARA COM O PRÓXIMO.

Isto pode querer dizer que quem não se ama terá dificuldade em amar “o outro”. Porque o processo de amar “o outro” passa por se amar a si próprio. O que mostra a razão pela qual certas pessoas que não se amam são complicadas na vida social, criam dificuldades a si mesmos e aos outros.

É importante compreender que os nossos deveres para com o próximo podem ter a ver com os deveres que temos para com Deus e para conosco mesmos. Não na ordem temporal, mas simultaneamente.

### III – LEI DE REPRODUÇÃO – Cap. IV

Kardec foi muito lúcido; ver última frase do comentário à **pergunta nº 617-a**:

“...as leis divinas... contêm as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma; são as leis morais.”

Kardec aqui não está falando dos Espíritos, está falando dos homens, ou seja, Espíritos encarnados num corpo físico. As leis morais, portanto, foram escritas para nós, Espíritos encarnados, não foram escritas para os Espíritos desencarnados.

O primeiro dever do Homem é para com a reprodução da espécie. Que significa isso? A ideia aqui é que eu preciso do mundo corporal; ele é fundamental num processo evolutivo. **NÃO HÁ EVOLUÇÃO FORA DO MUNDO CORPORAL.**

Pensar: “...Eu vou desencarnar e nunca mais vou voltar à Terra!... Ai, sofri tanto naquele corpinho; não quero saber mais disso; vou ficar a vida inteira do lado de lá!...”

Uns anos depois a gente fica pedindo pelo amor de Deus para voltar para aqui!... Porque certas faculdades, certas virtudes, **SÓ SE CONQUISTAM AQUI!**... Não há outra forma.

Então eu preciso do mundo corporal. Garantir a continuidade deste mundo corporal é um dever do homem. Se houvesse uma campanha para que toda a gente parasse de reproduzir-se, seria o caos. Iriamos fazer o mundo corporal desaparecer. E o principal elemento de evolução do Espírito desapareceria.

É preciso fundamentalmente que os homens produzam filhos. Que o homem possa reproduzir a estrutura corporal para que o mundo prossiga. É fundamental. Independentemente de que uma ou outra pessoa possa ter decidido não ser pai ou mãe.

Não está faltando ao cumprimento da lei moral. Mas impossível seria que toda a gente tomasse a mesma atitude. Seria o caos. Havendo muitas missões a cumprir na vida alguém pode optar pelo celibato, sem que essa opção se torne generalizada. A sociedade desapareceria.

É preciso que haja pessoas que queiram ser pais e mães e que achem que é muito importante a continuação da Vida, sendo importante que cumpram o seu dever. Reproduzir significa que devo garantir a conservação do corpo.

### IV – LEI DA CONSERVAÇÃO – Cap. V

Depois que surge o que tenho de fazer com ele? Conservá-lo, é claro. Se deixasse de alimentá-lo e tratá-lo, iria desaparecer em seguida. É preciso dar-lhe um certo tempo de existência. Porquê? Porque esse tempo é necessário à aprendizagem do Espírito.

Nasce o corpo e é necessário deixar passar o tempo necessário para que o Espírito aprenda. Esta Lei, da Conservação é, portanto, fundamental. Conservar quer dizer garantir a vida física; que ele prossiga.

## V – LEI DA DESTRUIÇÃO – Cap. VI

Toda a conservação, gera destruição. E é muito importante que essas duas leis apareçam como consequência uma da outra. Só pode haver destruição que garanta a conservação. Não deve portanto haver destruição desnecessária ou abusiva.

Hoje certamente todos destruíram várias coisas ao vir para aqui: comeram fruta, biscoitos, ou alguma carne. Há portanto destruição adequada à conservação.

O Homem deve alimentar-se de acordo com a sua natureza. Como a natureza exige. Há os vegetarianos, e os outros que comem carne, de acordo com as suas opções. Não há problema nisso.

Há depois o fenómeno das pessoas que se deixam levar pelo prazer da mesa e exageram um pouco na alimentação.

E há quem insista em comer coisas que lhe fazem mal. Devemos alimentar-nos respeitando o nosso organismo. É necessário cumprir estas leis sem abusar de nenhuma delas. De contrário isso nos responsabilizará.

Neste ponto se esgotam OS DEVERES DO HOMEM PARA CONSIGO MESMO.

---

E COMEÇAMOS A FALAR DAS LEIS EM QUE KARDEC NOS FALA DOS **DEVERES DO HOMEM PARA COM O PRÓXIMO.**

## VI - LEI DE SOCIEDADE – Cap. VII

Não há maneira nenhuma de crescermos e avançar fora da vida social. Não há outra forma de conquistar valores e virtudes fora da vida social. Este é portanto o nosso primeiro dever para com o próximo: viver em sociedade. Com todas as dificuldades que isso possa oferecer.

A História demonstra que foi a vida social que permitiu o sucesso da sobrevivência da raça humana. Pela divisão do trabalho, o homem aprendeu como gerar o progresso. A ciência e a técnica são fruto da vida social, não podendo existir fora dela. A ciência não é trabalho para um indivíduo; é um trabalho de grupos em cooperação. A geração de hoje apoia-se nas conquistas da geração de ontem. A vida em sociedade foi a garantia histórica da sobrevivência da espécie humana.

## VII – LEI DO PROGRESSO – Cap. VIII

A vida em sociedade gera o progresso.

Allan Kardec sempre usa esse esquema: além das leis serem agrupadas, uma lei possibilita a outra; é o seu complemento.

Da vida social decorre o progresso. E aí Allan Kardec estabelece uma das características fundamentais da codificação espírita: O PROGRESSO.

O Espírito existe, foi criado em determinado momento e viverá por uma eternidade em constante progresso. Ninguém estaciona. Não se pense que chegamos a Espíritos puros e perfeitos, e que ficaremos por aí. A expressão “perfeito” é relativa; isso está definido por Kardec na escala espírita.

O espírito perfeito foi o que atingiu a INDEPENDÊNCIA EM RELAÇÃO À MATÉRIA; comparado com os espíritos de outras escalas tem a chamada perfeição relativa. Mas não deixa de evoluir.

Conceber um Cristo não aprendendo é inconcebível. Ninguém gostaria de chegar a um ponto em que nada mais houvesse para aprender. O PROGRESSO É INFINITO.

O progresso produz como consequência outras duas leis: A LEI DE LIBERDADE e a LEI DE IGUALDADE, que são fundamentais a partir do PROGRESSO.

## VIII – LEI DE IGUALDADE – Cap. IX

Quando Kardec estabelece a Lei de Igualdade demonstra que todos são iguais perante a LEI DE DEUS. Significa que fomos criados simples e ignorantes, submetidos às mesmas leis.



A Igualdade aqui significa também desigualdades. Por isso, neste capítulo, Kardec define desigualdades: desigualdade social, de riquezas; mostrando que, como fomos criados simples e ignorantes com liberdade de escolha no caminho, **TORNÁMO-NOS DIFERENTES.**

Fomos iguais no começo, seremos iguais em felicidade, **MAS CADA UM É DIFERENTE;** porque conquistou:

- Valores
- Recursos e
- Formas diferentes.

E essa diferença é que permitiu que a sociedade se construísse na lei de divisão do trabalho. O trabalho só foi possível ser dividido porque as pessoas são diferentes. Imagine-se que todas as pessoas gostassem exclusivamente de matemática, seria uma desgraça.

Com gostos diferentes, as diferenças de aptidões são fundamentais para o progresso social, facto que decorre da Lei de Igualdade que determina as desigualdades. Todos fomos criados simples e ignorantes, todos fomos submetidos à mesma lei de Deus; como evoluímos diferentemente vamos alcançar estádios diferentes.

É interessante ler a parte relativa às desigualdades de riquezas, a quimera de julgar que toda a gente vai ser igualmente rico; é uma quimera, uma utopia!... Kardec faz esse comentário porque despontava em meados do século XIX a quimera de distribuir igualmente a riqueza para todos. Mesmo que houvesse riquezas suficientes para distribuir, pouco tempo depois muitos já seriam mais ricos que outros. Porque as pessoas têm habilidades diferentes. Uns sabem prevenir, outros gastam demais.

Além de que o conceito de riqueza é diferente de pessoa para pessoa. Há pessoas com pouco que se julgam ricas e outras que têm imenso e se sentem pobres. Além de que há necessidades diferentes de acordo com as aptidões de cada um.

A lei da igualdade dá origem a desigualdades naturais. Pelo mérito, pela conquista.

Não há igualdade no merecimento; a cada um segundo as suas obras. Como as obras são diferentes, a lei da justiça obriga a diferenciação natural que causa desigualdades naturais. Cada um conquista aquilo que corresponde ao trabalho que fez.

## IX – LEI DE LIBERDADE – Cap. X

O mesmo se passa com a liberdade.

Kardec diz-nos que **no plano moral o homem é absolutamente livre.**

Essa liberdade é uma conquista fundamental. Jesus diz no Evangelho: “eu e o Pai somos um só”. Que maior decisão de liberdade haverá do que essa: Um indivíduo é tão livre que pode escolher seguir ou não seguir o criador: prova de que os seres são completamente livres de se autodeterminarem. Podem ser tão livre que pode escolher ou não escolher o criador

E o criador é tão sábio que, se um assassino entrou numa residência, matou friamente a mulher e os filhos e à saída levou um tiro no braço e é levado ao hospital; agora pergunto:

– Como é que o organismo reage àquele tiro no braço?

Se fosse o braço de uma pessoa insigne e muito generoso, reagiria diferentemente?

Não! O braço do criminoso reage no sentido de salvar a sua saúde e a sua sobrevivência, evitando a infecção de acordo com as leis naturais, embora moralmente seja uma pessoa perversa. **Esta é a beleza da lei. A lei não diferencia as pessoas.**

Mas dá a cada um segundo as suas obras no campo moral. E o assassino vai ter, de qualquer forma, de passar pelas consequências dos seus atos, recolher o seu resultado e compensar as pessoas que prejudicou.

Há pois até a liberdade de seguir ou não seguir o criador. E de acordo com as decisões que tomamos, colhemos as respectivas consequências. Sem esta liberdade o homem não poderá dizer que conquistou os seus valores.

**Só pode haver moral no campo da liberdade.** Sem a liberdade de escolher, não há a possibilidade da culpa das nossas ações; porque não foram uma escolha deliberada.

Se não for admitida a tese da reencarnação, se pensarmos que nascemos no momento em que o corpo foi criado, não poderíamos ser responsabilizados pelas nossas ações.

Um indivíduo nasce numa família de criminosos e é treinado pelo pai para cometer crimes. Como irá esse pai condená-lo pelos crimes que venha a cometer? Se essa pessoa tivesse nascido entre gente honesta e de bem, com uma educação correspondente, os crimes que cometesse já seriam culpa sua.

**A cada um segundo as suas obras!**

E se alguém nascer no seio de uma família de criminosos é porque, de certa maneira, as suas atuações anteriores justificaram esse facto.

Mesmo reencarnando num ambiente assim, existe para qualquer um a liberdade de não aceitar as orientações que lhe são dadas, com mais dificuldade, é claro. Significa também que tal Espírito estava em sintonia com o ambiente respetivo, havendo dessa maneira muito mais dificuldade de vencer essa afinidade.

A escolha de reencarnar nesse meio foi tomada antes, consequência de atitudes anteriores, cujos frutos são colhidos depois. Mas se a pessoa tiver certa conduta, por obrigação sem alternativas, não pode ser culpado, porque não existiu liberdade de escolha.

Tais situações têm cabimento até ao nível do sistema judicial do nosso mundo. Se for provado que um certo crime foi cometido em condições de incapacidade mental, há atenuantes. Um louco é menos responsável que um homem são.

Se a lei humana já leva esses factores em conta, quanto mais a lei divina, muito superior àquela.

A liberdade, entretanto, cresce à medida que o Espírito avança. Quanto mais evoluído for o Espírito, mais livre será e mais faculdades possui. A liberdade do Cristo era completa porque sintonizava com a própria divindade. A nossa é muito mais inferior, claro.

À medida que os seres avançam moralmente os perispírito dispõem de mais recursos para executar muito mais coisas. As faculdades encontram-se portanto restringidas pelas faculdades de cada um. Quanto mais faculdades forem conquistadas, maior é a liberdade de que se dispõe.

## Resumo gráfico das Leis Morais:

AS LEIS MORAIS		
Deveres do homem para com Deus	1 - Lei de Adoração 2 - Lei do Trabalho	Síntese das Leis Morais:  10 - Lei da Justiça, Amor e Caridade
Deveres do homem para consigo próprio	3 - Lei de Reprodução 4 - Lei de Conservação 5 - Lei de Destruição	
Deveres do homem para com o próximo	6 - Lei de Sociedade 7 - Lei de Progresso 8 - Lei de Igualdade 9 - Lei de Liberdade	

A Lei da Justiça, Amor e Caridade é a síntese das 9 leis anteriores.

Na **pergunta nº 648** de “O Livro dos Espíritos” a última frase da resposta diz-nos que:

“A última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.”

## CAPÍTULO XII – PERFEIÇÃO MORAL

### OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Kardec também escreveu sobre como praticar as leis. E agora, como fazemos?

A pergunta que se coloca a começar é: **“o que é o homem do ponto de vista moral?”**.

A resposta a esta questão, para utilizar uma terminologia clássica que vem desde os gregos, refere que o homem do ponto de vista moral é: **“virtudes” e vícios**”. Compete ao homem viver as virtudes e conquistar ou dominar os vícios. Estas virtudes e vícios têm por detrás uma estrutura muito interessante.

**Na raiz de todos os vícios está o egoísmo.** Todos os vícios nascem do egoísmo; do apego excessivo de alguém a si mesmo; do amor em excesso a si mesmo. Kardec chama a isso o **vício radical**, isto é, que está na raiz.

Analisando qualquer vício vamos sempre encontrar o sujeito que se sente a si mesmo como o único objeto do universo, que pensa só em si.

AS VIRTUDES são caracterizadas com o que Kardec define como o **homem de bem**.

A VIRTUDE JÁ NÃO É ÚNICA, SÃO VÁRIAS. E não é possível encontrar uma virtude que as represente a todas, o que não acontece com o vício que tem como origem comum o egoísmo.

As virtudes, portanto, são muito mais complexas e, no seu conjunto, definem o que se pode caracterizar como o homem de bem, sintetizável no esquema ternário dado por Jesus.

#### O HOMEM DE BEM E A CHAVE DO PROGRESSO INDIVIDUAL

Quando perguntaram a Jesus qual era o maior mandamento ele respondeu: “amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos”. Jesus portanto sintetiza as virtudes todas nesse contexto trinitário que é o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Kardec depois irá sintetizar a parte do amor ao próximo na caridade.

O homem de bem é aquele que reúne em si todas as virtudes que lhe permitem amar a Deus, ao próximo e a si mesmo em perfeito equilíbrio.

Se eu sou, então, vícios e virtudes, o que devo fazer? Entender primeiramente o que sou; olhar para dentro de mim e verificar onde estão as minhas virtudes e onde estão os meus vícios.

E do que é que necessitamos para realizar essa operação: Necessitamos do **auto conhecimento**.

Kardec coloca o auto conhecimento como **a chave do progresso individual**; o esforço de alguém que procura conhecer-se para avaliar onde estão os seus vícios e onde estão as suas virtudes e de que maneira pode fazer crescer as suas virtudes e abandonar os seus vícios.

O **Capítulo da Perfeição Moral** encontra o seu esquema completo no princípio: “**conhece-te a ti mesmo**”.

#### AS PAIXÕES E O MEIO PRÁTICO MAIS EFICAZ

Por detrás dos vícios e das virtudes Kardec identifica as paixões, que constituem a essência impulsionadora dos vícios e das virtudes. Necessário se torna portanto saber quais as paixões que é necessário estimular para enriquecer as virtudes e quais as paixões que é preciso controlar para evitar os vícios.

Essa parte do trabalho de Allan Kardec sobre a perfeição moral, entra no âmago do indivíduo moral; um ser dotado de virtudes e vícios que necessita de conhecer e dominar a origem e natureza das suas paixões.

Ver a **pergunta nº 919**:

*“Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?”*

Repare-se que Allan Kardec não pergunta “o meio teórico”, porque sobre isso já tinha falado no desenvolvimento das dez leis morais. Kardec fala no “meio prático”, mas não um meio prático qualquer: fala no meio prático mais eficaz!...

E a resposta é clara: “Um sábio da antiguidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo.*”

Esse princípio foi atribuído a Sócrates que o aplicou a si mesmo como ninguém, mas o princípio em si refere-se a vários outros sábios gregos anteriores, Sólon de Atenas, Tales de Mileto, Pitágoras de Siracusa, Heráclito e outros mais.

O conhecimento de si mesmo é muito importante, porque quem não se conhece, não se modifica. E é um processo lento.

#### O EXEMPLO DE SANTO AGOSTINHO

Allan Kardec entretanto não se conforma com a resposta, ainda teórica demais, e insiste na questão.

**Pergunta 919. a** – *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

*A resposta é admirável e foi dada dada por Santo Agostinho, Espírito, um dos pensadores que mais se empenhou no auto conhecimento:*

*“Fazer o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar.*

A qualidade desta resposta de Santo Agostinho, em comparação com a de Sócrates, por exemplo, revela-se especialmente importante. Acontece que enquanto Sócrates já era um espírito evoluído de uma personalidade muito equilibrada, Agostinho de Hipona era uma pessoa vulgar – como tantas – que, até aos 32 anos de idade, teve problemas diversos e várias tendências defeituosas, sobre os prazeres e certos maus hábitos, com pouca crença em Deus, etc.

Aos 32 anos de idade Santo Agostinho foi chamado a modificar-se, por uma voz, em certa ocasião em que estava muito triste num jardim. O seu mundo interior passava por um momento de profunda angústia e tristeza. Estava inconformado com a vida mundana e de prazeres que vivia. As pessoas geralmente só mudam em tempos de crise, quando se encontram mal. Quem se acha muito bem, não muda...

E Agostinho chorava no jardim de sua casa com o coração tomado de tristeza. E de repente há uma voz que lhe diz: “toma e lê, toma e lê”. Era uma voz de criança que cantarolava, mas que ele não via. Ao procurá-la viu um livro que estava em cima de uma mesa; era o Novo Testamento. Abriu e encontrou uma passagem que leu e que o aconselhava a seguir Jesus Cristo. Coisa que ele nunca tinha feito!... E o convite era o de abandonar a vida que tinha levado até aí. A Mãe, que ficou conhecida como Santa Mónica, muitas vezes tinha tentado que ele estudasse e se interessasse, mudando de vida.

Agostinho passa então a modificar a sua vida e a seguir o Cristo. E vai encontrar a felicidade. Vai tornar-se o bispo de Hipona que foi canonizado mais tarde, como Santo Agostinho. Como Espírito, foi um dos que mais trabalhou na codificação espírita. Allan Kardec tinha basicamente três Espíritos que atuavam de perto junto dele. Um era o Espírito de Verdade; outro era Sócrates; e o terceiro Santo Agostinho, que passou a ser um dos maiores divulgadores do espiritismo.

## Quarta Parte / LIVRO QUARTO – das Esperanças e Consolações

**NOTA:** durante algumas linhas este trabalho não segue textualmente, como até aqui, a palestra do professor **Cosme Massi**. Para facilidade expositiva segue uma breve síntese de ensinamentos por ele organizados noutra obra, isto é, no Volume I da coleção “Compreender Kardec”, da editora **NOBILTÀ**.

### MUNDO DOS ESPÍRITOS

Mundo corporal

Consequências do cumprimento ou do não  
cumprimento das leis morais

Mundo espiritual

Capítulo I – Das Penas e Gozos Terrenos  
Capítulo II – Das Penas e gozos Futuros

O **mundo dos Espíritos** é formado por dois mundos, o **mundo corporal** e o **mundo espiritual**.

É na **quarta parte** de O Livro dos Espíritos que Kardec vai esclarecer quais as consequências para o Espírito, em ambos os mundos, em consequência do cumprimento ou do não cumprimento das Leis Morais.

### DAS ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Considerando que a existência dos Espíritos ocorre nos dois lados da vida, mundo corporal e mundo espiritual, as consequências para o Espírito do cumprimento ou não das leis morais devem ser, também, estabelecidas nesses dois mundos.

Assim, no **Capítulo I, Das penas e gozos terrenos**, são apresentadas as consequências, para o Espírito, NO MUNDO CORPORAL, do cumprimento ou não das leis morais nas suas diversas existências.

São os principais temas abordados nesse primeiro capítulo:

- A felicidade e a infelicidade relativas,
- A perda de entes queridos,
- As decepções, a ingratidão, as afeições destruídas,
- As uniões antipáticas,
- O temor da morte,
- O desgosto da vida e o suicídio.

No **Capítulo II, Das penas e gozos futuros**, são analisadas as consequências para o Espírito, NO MUNDO ESPIRITUAL, do cumprimento ou não das leis morais nas suas diversas existências.

São os temas tratados nesse segundo capítulo:

- O nada; a vida futura,
- A natureza das penas e gozos futuros,
- A intervenção de Deus nas penas e recompensas
- Natureza das penas e dos prazeres futuros
- As penas temporais
- A Expição e o arrependimento
- A duração das penas futuras,
- A ressurreição da carne
- O paraíso, o inferno e o purgatório

Voltamos à palestra de Cosme Massi, “Estrutura Didática de “O Livro dos Espíritos”:

Do estudo cuidadoso destes capítulos conclui-se de modo perfeitamente elucidativo que não há penas eternas e que todos os Espíritos, durante mais ou menos tempo, durante menos ou mais encarnações, acabarão por atingir a perfeição.

**No mundo corporal**, quando um Espírito cumpre ou não cumpre a lei enfrenta gozos ou penas futuras; beneficia de felicidade ou sofre.

**No mundo espiritual** o sofrimento ou a felicidade também decorrem do cumprimento ou não da lei, sendo estes dois capítulos claramente elucidativos destas consequências nos dois mundos onde vive o Espírito.

O conteúdo desta 4ª parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” encontra-se desenvolvido na Obra de Allan Kardec: “O CÉU E O INFERNO – ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo”.

Kardec esclarece muito claramente, na obra referida, que as expressões **Céu** e **Inferno** que fazem parte do título daquela obra, nada têm a ver com as ideias que lhe são associadas pelas igrejas tradicionais, mas sim a estados de espírito opostos, podendo o céu configurar simbolicamente a felicidade e podendo o inferno simbolizar a infelicidade; ideias que, não obstante, nem sequer correspondem a lugares determinados que existam onde quer que seja.

Com todas estas ideias foram contempladas as quatro partes de “O Livro dos Espíritos”, faltando analisar com pormenor a Introdução, os prolegómenos e a Conclusão.

---

No fim da palestra foram feitas a Cosme Massi algumas perguntas (não audíveis no vídeo), mas cujas respostas tem muito interesse registrar:

## A CIÊNCIA MATERIALISTA ACADÉMICA E A CIÊNCIA ESPÍRITA

Na INTRODUÇÃO de “O Livro dos Espíritos”, quando Kardec trata da definição do **objeto de estudo do espiritismo**, é adotado como tema de estudo: O ESPÍRITO.

Portanto a ciência não tem que se encarregar do estudo da reencarnação, não é função dela. Há entretanto vários cientistas em várias universidades do mundo interessados no estudo de alguns fenómenos que, no campo da psiquiatria ou da psicologia, colocam o problema da reencarnação. Isso é uma decisão deles, mas o objeto das ciências é sempre do domínio material.

As ciências não admitem, pelo âmbito materialista dos seus estudos as premissas fundamentais para estudar a reencarnação, que é a existência do próprio espírito.

A questão é pacífica e perfeitamente aceite pelos estudos de Allan Kardec.

Os cientistas cujos estudos são aqueles em que a alma está mais presente, os casos mentais, a psicologia, a psiquiatria, a medicina, etc. podem, no conjunto de fenómenos que eles contemplam nos seus estudos, serem levados a pensar na reencarnação. As academias distanciam-se sempre desses temas dado que os analisam sempre do ponto de vista do cérebro.

Se esses cientistas vão conseguir explicar esses fenómenos apenas à base desse estudo, é outra questão.

Pode ser que as suas limitações cheguem a um momento que a ciência seja obrigada a DAR O SALTO. Quando a ciência já não conseguir de maneira nenhuma explicar certos fenómenos à base do estudo materialista, passando o tempo, poderá ver-se obrigada a admitir OUTRA HIPÓTESE DE ESTUDO, nomeadamente **a hipótese da existência do espírito**.

Até lá a ciência permanece coerente, facto que é muito claramente aceite por Allan Kardec, ao definir que **o papel da ciência é o estudo da matéria**.

É claro que todos os fenómenos mentais têm um **elemento espiritual** e um **elemento cerebral**.

A ciência preocupa-se apenas em analisar este último. Isso é uma questão dependente da evolução da ciência e que tem ocorrido sempre ao longo da história da humanidade. É preciso dar tempo ao tempo.

Há pessoas que têm **a certeza da sobrevivência da alma**, porque:

– É UMA CERTEZA TÃO FORTE COMO A CERTEZA CIENTÍFICA – essa certeza pertence à ciência espírita, que é uma ciência tão boa como qualquer outra, só que está fundamentada em premissas diferentes.

A diferença entre as ciências depende muito das premissas de que elas partem. Não existe uma coisa que seja “ciência” que concorde em tudo com ela própria.

Dentro da Física, por exemplo, há várias visões dela própria, como dentro da Biologia também há diversas correntes. Dentro das ciências humanas nem se fala!... Na Economia, na Sociologia, na Psicologia também há multiplicidade de teorias.

A ciência não é um todo único com um único pensamento. A ciência, como entidade abstrata que fala, não existe. O que existe são cientistas e teorias. A academia não tem uma voz única. Muitas são as discussões.

E entre as diversas teorias existe também a **teoria espírita**, que vai explicar **os fenómenos partindo do princípio da existência do espírito**. Bem como tem havido teorias não espíritas que têm procurado explicar os mesmos fenómenos exclusivamente a partir da **versão cerebral**.

Não há portanto “CIÊNCIA”, há CIÊNCIAS, no plural; diferentes e cada uma assumindo teorias de acordo com os teóricos que as adoptam. O que faz parte do progresso intelectual.

Nós acreditamos que a realidade do espírito se irá impor um dia como teoria muito sólida, até nas academias.

Vamos aguardar.

## KARDEC NUNCA ENTENDEU O ESPIRITISMO COMO VERDADE ABSOLUTA;

Kardec contrariou firmemente a ideia de uma verdade absoluta de qualquer teoria ou doutrina.

O Espiritismo jamais se colocou na visão de Allan Kardec como sendo o dono da verdade absoluta.

Em “A GÊNESE”, no Capítulo I, número 13, e seguintes, vemos que na definição do **carácter da revelação espírita** que o espiritismo é uma doutrina eminentemente progressista.

Kardec afirma a esse respeito que a revelação tem uma dupla natureza: **é ao mesmo tempo uma revelação divina e científica**. É divina porque os pontos fundamentais foram ditados pelos Espíritos, não foram criados pelos homens.

Por exemplo: a existência do espírito; a comunicabilidade, a sobrevivência da alma, são poucos os pontos fundamentais que podemos colocar como verdades divinas. Mas a doutrina que é muito mais do que isso é de produção humana, científica. E, como toda a produção humana e científica, ela avança e progride.

Kardec afirma no nº 55 no referido Capítulo I de “A GÊNESE” que: “...caminhando a par com o progresso o espiritismo jamais será ultrapassado, porque se verdades novas demonstrarem que ele está em erro acerca de um ponto, ele modificar-se-á nesse ponto”.

Significa isto que o espiritismo é progressivo, avança, o que confirma que **NÃO AFIRMA A CARACTERÍSTICA DA VERDADE ABSOLUTA, NO SENTIDO DE UMA DOCTRINA QUE TENHA O EXCLUSIVISMO DA VERDADE**.

Há portanto áreas do saber ou questões em relação às quais o espiritismo não se pronuncia, não se posiciona porque essas áreas não fazem parte do seu domínio.

Estão errados os que pensam que tudo tem que ser espírita!...

Teatro espírita, cinema espírita, música espírita, língua espírita, homeopatia, esperanto, nada tem a ver com espiritismo, por muito interesse ou qualidade que tenham!...

Allan Kardec é muito claro: o objeto do espiritismo é o estudo do espírito e as suas relações com o mundo corporal e espiritual.

Além de que, evidentemente, há muitíssimas coisas boas na vida, maravilhosas até, que nada têm a ver com o espiritismo, incluindo as excelentes contribuições que a ciência e outras culturas tem dado em muitíssimos aspetos.

A associação da homeopatia ou do esperanto ao espiritismo seria, ou já foi, muito prejudicial para esses domínios do conhecimento!...Em resumo: uma teoria que fala sobre tudo ou quer explicar tudo, não serve. Cada ciência tem o seu objeto.

Bem como a ideia que o espiritismo explica tudo é completamente errada.

## A INTERVENÇÃO DE ALLAN KARDEC NA CONFIGURAÇÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Para edificar a doutrina espírita Allan Kardec usou uma metodologia própria. **A obra tem muito dele**.

Também há o equívoco de achar que a obra é exclusivamente dos Espíritos.

**A obra tem muito de Kardec que foi o seu coautor**. Isso está demonstrado por vários autores.

É uma obra também de produção humana; tem a produção espiritual e a produção do homem. Sofre todas as dificuldades da produção do homem.

E as outras diversas metodologias para o auto conhecimento, todas são válidas. A validade da metodologia está no resultado que ela possa oferecer.

Ver a **pergunta nº 919**:

*“Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?”*

*“Um sábio da antiguidade disse-vo-lo: conhece-te a ti mesmo”*

Quando Kardec aponta para “o método mais eficaz” é porque aponta ao âmago da questão, isto é, à metodologia de ir direto ao ponto crucial, que é ao autoconhecimento no que diz respeito ao aspeto moral, e que é muitas vezes difícil.

Santo Agostinho, como forma de resolver alguns dos seus conflitos interiores, atirava-se aos espinheiros ou ao gelo!... Por exemplo, quanto tinha dificuldades no controlo da sua sexualidade.

Cosme Massi afirma entretanto que não recomendaria isso a ninguém.

As vidas das pessoas não são para serem imitadas. Kardec, afirma, teve uma lucidez enorme: para deixar tudo claro efetuou a **pergunta 625**: *Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e modelo?*

“Jesus.”

Ponham portanto de lado a imitação da conduta de outras pessoas. O comportamento de outras pessoas pode constituir exemplo, mas é preciso não esquecer que cada pessoa tem o seu contexto; cada pessoa é um indivíduo diferente, tem as suas dificuldades psicológicas, os seus problemas interiores. Cada um escolhe o caminho e a forma como deve proceder.

O espiritismo apresenta em tese, em geral, **as leis fundamentais**.

Como vivê-las no dia-a-dia é decisão de cada um. A beleza da doutrina não está em nos prendermos a detalhes quanto ao modo como devemos comportar-nos. Esse foi o erro de muitas religiões. Preocuparam-se em dar receitas muito estritas relativas ao comportamento dos seus fiéis, com as penitências relativas a cada tipo de faltas.

Uma doutrina deve dar **os princípios gerais**, para que cada um possa definir como vai comportar-se de acordo com eles.

Como todos somos diferentes, temos necessidades diferentes, somos pessoas diferentes. Os princípios norteiam-nos e Kardec teve a lucidez de colocar na **pergunta nº 621** que “...o nosso guia é a consciência.”

A consciência é um guia extraordinária porque é cada um frente ao seu próprio íntimo. A metodologia de analisarmos a nossa própria consciência é muito produtiva e positiva.

## Pergunta sobre a necessidade de modificação do Espiritismo

Uma questão muito frequentemente abordada por certas pessoas é a de que o espiritismo precisa de modificações. O problema é que nunca apontam onde.

Não sendo dogmático e não considerando o espiritismo como uma obra perfeita, acho que quem quer mudanças deve dizer onde deveriam ser feitas

Kardec recomenda em “A GÉNESE” que se reflita sobre tudo; uma das características da doutrina espírita é de que exige, obriga à crítica e ao exame sério.

O espiritismo exige que se faça um exame sério das questões, convida a fazer uma crítica profunda.

**O espírita não pode ser dogmático**; tem que ser aberto. Mas não pode ser aberto sem sentido de responsabilidade, não pode aceitar tudo o que aparece, o que é muito comum.

Responsável não é o que aceita tudo; é o que aceita depois de crítica, de exame profundo, de reflexão.

Quem afirme que o espiritismo precisa de mudança tem de dizer onde!...

Se isso for feito, nessa altura iremos examinar com profundidade e verificar que tem ou não razão.

Para os que dizem que devemos colocar o espiritismo na linguagem da época. Conversa fiada!...

Uma teoria tem os seus termos próprios e faz sentido no contexto daquela teoria. Por exemplo: não posso trocar a palavra fluido pela palavra energia. Isso é uma ignorância epistemológica. Em física, a palavra fluido tem o seu conceito completamente diferente da palavra energia. Não se podem fazer transitar conceitos de uma ciência para a outra!...

Espiritismo avança, cresce e evolui. Mas nunca ficará ultrapassado. A sua evolução dar-se-á como em qualquer outra ciência. O Espiritismo cresceu com os grandes médiuns no mundo inteiro. Mudou, completou-se, avançou.

**Mas a síntese das obras originais de Allan Kardec continua.**

Na primeira vez que ouvi falar de animais no mundo espiritual (...referidas em certas obras mediúnicas...) fiquei preocupado.

Nas obras de Kardec essa referência não existe. Quando fala dos três reinos, diz que o princípio inteligente dos animais, quando o animal morre fica num estado latente, não lhe é dado tempo para entrar em comunicação com outros seres. Não se encontra em estado consciente, andando livremente pelo mundo espiritual. Esse princípio inteligente é quase imediatamente aproveitado pelos Espíritos em novos corpos animais, num processo que não vou designar como reencarnatório. Portanto o princípio inteligente não é a alma dos animais.

Contudo, em “A Génesis”, no Capítulo XIV a respeito dos Fluidos, no nº 14, fala a certa altura de objetos (entre outros “a charrua com seus bois” de um lavrador) que, como o texto refere **são objetos fluídicos, criados pelo pensamento dos Espíritos**.

No mundo espiritual o pensamento dos Espíritos pode criar objetos e seres com a aparência de animais.

Mas não são almas desencarnadas de animais viventes na Terra, que não existem.

A vantagem da obra de Kardec é a sua síntese, a sua generalidade. Não desce a detalhes. Também não existem na obra de Kardec referências à “materialização ectoplasmática”, que foi algo – como fenómeno espírita – só surgiu dezenas de anos depois, e referida pela literatura científica a respeito desses fenómenos.